

As masculinidades e o cuidado¹

Eliane Portes Vargas²

Fundação Oswaldo Cruz. Pós-graduação em Ensino em Biociências e Saúde do Instituto Oswaldo Cruz. Programa de Pós-graduação em Saúde Pública da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca.

Francisco Romão Ferreira³

Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Nutrição. Programa de Pós-graduação em Ensino em Biociências e Saúde/Instituto Oswaldo Cruz.

Juan da Cunha Silva⁴

Fundação Oswaldo Cruz. Instituto Oswaldo Cruz. Pós-graduação em Ensino em Biociências e Saúde/Instituto Oswaldo Cruz.

Resumo:

O presente trabalho tem por objetivo discutir os prescritivos culturais presentes na socialização dos homens com vistas a compreender as assimetrias e hierarquias nas dinâmicas de cuidado de si e dos outros. Por meio da revisão de literatura de construtos das Ciências Humanas, Sociais e da Saúde foi possível localizar alguns achados relativos à abordagem predominante sobre o tema. A socialização masculina tende a reproduzir determinações e exigências culturais que distanciam os homens das dinâmicas de cuidado, tanto os de si, como os cuidados com os outros. O distanciamento do cuidado entre os homens jovens pode estar relacionado à reprodução dos papéis de gênero. A cultura do cuidado é engendrada por assimetrias e hierarquias, os homens tendem a postergar os cuidados às mulheres pois os consideram como uma prática circunscrita ao feminino.

Palavras-chave: Identidade Masculina; Cuidado; Cuidado à saúde e Juventudes.

¹ O presente trabalho emerge das problematizações realizadas na dissertação de mestrado: “Identidade Masculina e o Cuidado à Saúde entre Jovens: problematizações e reflexões a partir do documentário *“The Mask You Live In”*”, o estudo está em andamento no âmbito da Pós-Graduação *Stricto sensu* em Ensino em Biociências e Saúde (PPGEBS) do Instituto Oswaldo Cruz (IOC) da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) na linha de pesquisa “Ciências Sociais e Humanas Aplicadas ao Ensino em Biociências e Saúde”. O PPGEBS recebe apoio institucional da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

² Coautora. Pesquisadora Titular da Fundação Oswaldo Cruz e Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde do (PPGEBS) do Instituto Oswaldo Cruz (IOC/Fiocruz) e Docente do Programa de Pós-graduação em Saúde Pública da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca (ENSP/Fiocruz) e líder do Grupo de Pesquisa Corpus - Estudos socioculturais sobre corpo, gênero e reprodução, cadastrado no CNPq. Contato: epvargas@ioc.fiocruz.br

³ Coautor. Professor Adjunto do Departamento de Nutrição Social do Instituto de Nutrição, do Programa de Pós-Graduação em Alimentação, Nutrição e Saúde e líder do Núcleo de Estudos sobre Alimentação e Cultura (NECTAR) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Pesquisador e Docente permanente do PPGEBS/IOC/Fiocruz. Contato: chico.romao@yahoo.com.br

⁴ Autor principal. Mestrando do PPGEBS/IOC/Fiocruz. Bolsista do Programa “Bolsa Nota 10” da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). Contato: silva.juandacunha@gmail.com

Introdução

Esse trabalho objetiva discutir os prescritivos culturais presentes na socialização dos homens, com vistas a compreender as assimetrias e hierarquias nas dinâmicas de cuidado de si e dos outros. Visando atender tal objetivo, realizamos uma revisão de literatura entre autores das Ciências Sociais, Humanas e da Saúde, com os descritores: masculinidade; cuidado; cuidado à saúde -, o que nos permitiu localizar alguns detalhamentos relativos à abordagem predominante sobre o tema. A socialização masculina tende a valorizar estereótipos e valores inerentes ao universo masculino e a reproduzir determinações e exigências culturais para garantir que os homens sejam vistos como homens (BARKER, 2008). Em algumas culturas, como as latino-americanas, as mulheres são vistas como “fonte de informação sobre cuidados e ‘cuidadoras por essência’ ” (CAMARGO, 2011, p.190).

As masculinidades e as juventudes

Para Taylor *et al.* (2016, p. 14), a masculinidade pode ser compreendida como “expectativas sociais sobre atitudes e comportamentos de homens e jovens do sexo masculino na sociedade”, sendo assim, essas expectativas são construídas por convenções socialmente demarcadas e não determinadas por características biológicas. A construção da identidade masculina inicia-se na socialização dos meninos e pode vir a gerar vulnerabilidade, essa condição está fortemente associada às expectativas de masculinidade reforçadas pelos posicionamentos e convivências socioculturais ao longo da infância, no decorrer da juventude e ao longo da vida adulta; os homens jovens são encorajados a demonstrarem força e dureza em seus relacionamentos, tanto nas dimensões sociais quanto em relação às suas demandas emocionais. Dentre os estereótipos masculinos valorizados na sociedade moderna, segundo, Nolasco (1993, p. 53) destaca que “a esperteza, a prepotência e a dominação serão agregadas ao padrão de comportamento dos homens”, as determinações contemplam ainda:

Um homem normal é alguém jovem, casado, pai de família, branco, urbano, do Sul, heterossexual, católico, de educação universitária, bem empregado, de bom aspecto,

bom peso, boa altura e com sucesso recente nos esportes. O capitalismo incentiva, por meio de diferentes mecanismos, a crença de que por meio do trabalho um homem pode rapidamente atender a estas especificações (NOLASCO, 1993, p. 53).

Segundo Badinter (1993, p. 27), "não existe um modelo masculino universal, válido para todos os tempos e lugares". Encontramos na literatura, uma diversidade de denominações sobre o termo "masculinidades", embora, esses nomes sejam utilizados, às vezes, como sinônimos, eles revelam como os sujeitos são vistos num grupo social. Na perspectiva, Barker (2008) ao longo da socialização, os homens jovens recorrem a estereótipos e valores inerentes ao universo masculino que são socialmente valorizados em suas culturas. Sendo assim, os jovens reproduzem um conjunto de determinações ou exigências culturais com o objetivo de serem vistos como homens, esse processo incorre, por vezes, na adoção de comportamentos de risco e reforça o processo de vulnerabilidade dentre os homens jovens. De acordo com, Pinheiro (2010), as representações de masculinidades estão intrinsicamente associadas as construções culturais e são reverberadas no espaço coletivo:

as representações de masculinidades estão também associadas a construções culturais, portanto coletivas, que definem o comportamento de indivíduos em determinada sociedade. Podem ser compreendidas como conceitos ou conjunto de valores e crenças que têm sua origem na vida e nas relações interpessoais. (PINHEIRO, 2010, p.5).

Segundo Nolasco (1993), não há escolha plausível para um homem, já que é forjado a esse indivíduo a reprodução de crenças e valores de força e controle:

[...] um homem não escolhe o que ele quer ser, isto já foi feito socialmente, e a ele resta senão conformar-se e endossar, quase sob a forma de uma crença, o que compreende pelo significado de ser um homem. Até então o "destino" dos homens têm sido repetir e reproduzir, como boas matrizes reprodutoras, os valores sociais vigentes (NOLASCO, 1993, p.103-104).

No entanto, a ideia de opção não pode deixar de ser considerada, pois encontramos também nos estudos sobre identidades deste autor (Nolasco, 2001) uma indicação de que no individualismo moderno e em sua relação com a representação social do homem inclui-se uma dimensão da escolha como parte dos valores culturais intrínsecos ao processo de construção das identidades sociais. Nesta direção um processo de decadência culminou "crises de identidade" que, segundo o autor, fomentou:

a consolidação dos movimentos sociais de emancipação permitindo a positivação de identidades até então negativadas (mulher, etnias e homossexuais). Por outro lado, tal crise tornou-se um dispositivo promotor de situações violentas na medida em que,

para as sociedades ocidentais, ser homem passou a significar sinônimo de truculência, boçalidade ou daquele que é politicamente incorreto (NOLASCO, 2001, p. 14).

Esses conflitos entre as crises identitárias e os movimentos sociais transpassaram às percepções sobre os estilos de vida prioritariamente valorizados pelas culturas ocidentais, esses estilos de vida que se inscrevem na ordem da competitividade e no individualismo como afirma Nolasco (2001):

Quando as sociedades contemporâneas estabelecem que o sucesso individual só é conquistado por meio de comportamentos agressivos e competitivos, estão adotando determinadas características do comportamento agressivo para estabelecer como seus indivíduos devem caminhar. Com isto, passaram a disseminar uma ideia de militarização do vínculo. Tal postura prescinde dos matizes inerentes ao vínculo social, determinando que, para vencer, o indivíduo deve escolher o lado claro e não o escuro; ser *winner* e não *loser*, filiar-se ao ocidente e não ao oriente. Diante desta perspectiva, o indivíduo perde a possibilidade de inventar novas formas de singularização para si mesmo, sua vida e futuro, cabendo a ele cumprir uma agenda cujo roteiro é superficial, polarizado e de aparências (NOLASCO, 2001, p. 11).

A identidade masculina na perspectiva de Badinter (1993) possui três categorias hegemônicas, nas quais os homens são categorizados de acordo com o comportamento, são elas: o "homem duro" (*the tough guy*, em inglês) que apresenta provas de sua virilidade e busca no sexo afirmação de sua identidade. Segato (2018), afirma que, as provas de masculinidade se valem da espetacularização e de um exibicionismo indispensável aos homens que tem por função manter a posição masculina, ainda, segundo a autora:

O mandato da masculinidade exige que o homem prove que é homem o tempo todo; porque a masculinidade, ao contrário da feminilidade, é um status, uma hierarquia de prestígio, ela é adquirida como um título e deve ser renovada e verificada como tal (SEGATO, 2018, p. 36, tradução nossa⁵).

O homem suave (*the soft man*, em inglês), o estereótipo masculino que valoriza a sensibilidade e menos a virilidade, este modelo emerge após os apontamentos feministas na década de 1970, sendo assim, “alguns homens imaginaram que deviam desprezar toda virilidade e adotar os valores e comportamentos femininos mais tradicionais. (BADINTER, 1993, p. 47). E o "homem reconciliado” que segundo Badinter (1993):

Não é uma mera síntese dos dois machos mutilados precedentes. Nem homem mole invertebrado (*soft male*), nem home duro incapaz de experimentar sentimentos, ele é

⁵ No original: “*El mandato de masculinidad exige al hombre probarse hombre todo el tiempo; porque la masculinidad, a diferencia de la femineidad, es un estatus, una jerarquía de prestigio, se adquiere como un título y se debe renovar y comprobar su vigencia como tal*”.

o *gentle man* (“homem amável”) que sabe aliar solidez e sensibilidade (BADINTER, 1993, p.165).

Nesse decorrer do processo de socialização, ainda que, não possa ser generalizado, uma prescrição de masculinidade é transmitida aos homens jovens:

Mesmo preocupados com um aparente “desleixo” dos jovens com a vida, os homens (e suas esposas), em todos os locais, socializam os jovens para serem “conquistadores”, que “aproveitam para ficar” com as moças mais soltas de hoje, pois o recato não cabe ao jovem” (SCOTT *et al.*, 2005, p.142).

De acordo com essa premissa, o homem se considera mais forte, com mais inteligência, mais coragem, mais responsabilidade, mais criatividade e um ser mais racional - características que os homens utilizam para justificar sua posição hierárquica sobre às mulheres (BADINTER, 1993). Scott *et al.* (2005, p.127) afirmam que “os jovens estabelecem uma relação direta entre a maturidade e a possibilidade de assumir economicamente uma família”, enquanto para os homens adultos “assumir uma família está mais relacionado com a capacidade de provê-la do que com outros fatores”. O trabalho é um tema central para os homens, como afirmam Scott *et al.* (2005, p.128), enquanto a escola é um "fator importante; não como uma necessidade pessoal, mas, sim, como uma demanda externa, imposta pela sociedade”. Para Gonçalves e Catharino (2008), a juventude possui marcas e papéis sociais:

A saída da juventude é marcada pela associação de várias condições, tais como: entrada no mercado de trabalho, saída da escola, abandono do núcleo familiar de origem e conquista de certa autonomia. Postergar a aquisição do estatuto de adulto implica postergar o famoso conflito de gerações, que pode ser traduzido como um embate entre o velho e novo (GONÇALVES, CATHARINO, 2008, p. 21).

Os jovens com frequência são alocados num grande coletivo uniforme e nesse agrupamento são suprimidas as diferenças entre as identidades dos jovens, todavia, de acordo com a indicativa de Bourdieu (2003), a comparação entre jovens de diferentes classes permite compreender que os jovens oriundos das classes dominantes possuem mais atributos usados pelos adultos e velhos. No campo dos estudos sobre a juventude, Feixa (1988), aponta que a juventude possui duas condições:

Entendida como a fase da vida individual, compreendida entre a puberdade fisiológica (uma condição natural) e o reconhecimento do status de adulto (uma condição cultural), afirma-se que a juventude constitui um universal da cultura, uma fase natural de desenvolvimento humano, explicado pela necessidade de um período de preparação e maturidade entre a dependência infantil e a plena inserção social. Afirma-se, inclusive, que as crises e conflitos que caracterizariam este período seriam também universais porque são determinadas por causas biológicas próprias de toda espécie humana (FEIXA, 1988, p. 16).

Para Groppo (2000, p.8), “[...] a juventude é uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos”. No contexto brasileiro, Muggah e Pellegrino (2020), consideram o conceito de juventude elástico, já que grande parte das definições contemplam populações com idade entre 15 e 29 anos, os autores recorrem aos marcos legais e ao Estatuto da Juventude publicado para discutir as delimitações etárias impostas pela legislação, segundo os autores:

O conceito de juventude é elástico - a maioria das definições inclui populações entre as idades de 15 e 29 anos. Na verdade, o Estatuto da Juventude (2013) determina que os jovens se enquadram nesta faixa etária, a qual adotaremos como referência. De acordo com a lei brasileira, crianças são aquelas pessoas com menos de 12 anos e adolescentes estão entre as idades de 12 e 18 anos - sobrepondo-se à definição de jovem. É importante notar essa variação, pois diferentes estudos costumam usar essas categorias de forma intercambiável (MUGGAH; PELLEGRINO, 2020, p.11).

Dayrell (2003) indica que a juventude possui duas imagens, uma romântica marcada pela liberdade e a outra atravessada por conflitos, sobre a primeira imagem:

[...] a juventude seria um tempo de liberdade, de prazer, de expressão de comportamentos exóticos. A essa ideia se alia a noção de moratória, como um tempo para o ensaio e o erro, para experimentações, um período marcado pelo hedonismo e pela irresponsabilidade, com uma relativização da aplicação de sanções sobre o comportamento juvenil (DAYRELL, 2003, p. 41).

Já a segunda imagem, considera a juventude como um “momento de crise, uma fase difícil, dominada por conflitos com a autoestima e/ou com a personalidade” (DAYRELL, 2003, p.41). Além de tecer as classificações acima, o autor avança e ressalta a importância de questionar às concepções atribuídas à juventude:

[...] quando arraigados nesses “modelos” socialmente construídos, corremos o risco de analisar os jovens de forma negativa, enfatizando as características que lhes faltariam para corresponder a um determinado modelo de “ser jovem”. Dessa forma, não conseguimos apreender os modos pelos quais os jovens, principalmente se forem das camadas populares, constroem as suas experiências (DAYRELL, 2003, p. 41).

Dentre as representações atribuídas à juventude, Castro e Abramovay (2002) apontam que os jovens nem sempre são vistos como atores com identidade própria, portanto, não tendo sua autonomia, anseios, pensamentos ações respeitados. As autoras apontam que a juventude é vista, por vezes, como um olhar generalizante e homogeneizante que inviabiliza a compreensão das especificidades dos jovens, assim, segundo as autoras “[...] a juventude assume faces diferentes de acordo com as condições materiais e culturais que a cercam, de acordo com o território em que se encontra (CASTRO; ABRAMOVAY, 2002, p.28). E, por fim, as autoras

reconhecem a existência de uma dualidade *adultocrata* e maniqueísta, decorrentes do conflito geracional que incidem sob à juventude, dessa forma, aos jovens são relacionadas atitudes transgressoras, de contestação e reversão do que se entende como ordem, dessa forma, ao avançarem sobre a fase adulta é esperado uma fase de calma, pois eles já teriam se enquadrado nas “regras do jogo”, ainda segundo essas autoras, os jovens:

São vistos, portanto, ao mesmo tempo, como irreverentes, transgressores, mas também como peças modernizantes da sociedade. Ao mesmo tempo em que são considerados como “marginais”, como ameaça, os jovens são idealizados como esperança. Nessa perspectiva, o jovem é quase sempre considerado como o futuro, abandonando-se a concepção do jovem como agente histórico no presente (CASTRO; ABRAMOVAY, 2002, p. 29).

Em outra abordagem teórica, a juventude pode ser compreendida no atual momento histórico, de acordo com Abramo (2016, p. 19) como “[...] uma longa transição da infância para a idade adulta, caracterizada por um intenso processo de definições, escolhas e arranjos para a construção de uma trajetória de inserção e autonomia”. Enquanto, Bock (2004) afirma que no contexto cultural que vivemos, no qual atribuímos valor ao adulto produtivo, a juventude e a velhice são vistas com demérito.

Barker (2008) aponta que os jovens que possuem um capital social limitado enfrentam mais dificuldades para ingressar no mercado de trabalho formal e se deparam com barreiras objetivas e subjetivas, que abarcam desde a falta de qualificação à crença de que eles não possuem as competências necessárias para ocupar os postos do trabalho formal, para tanto, frente a essas questões muitos ingressam informalmente no mundo do trabalho. Connell (2005)⁶ *apud* Grunnagel e Wieser (2015, p. 343), aponta que as masculinidades marginais:

se definem recorrendo abertamente a parâmetros socioeconômicos: sua marginalidade explica-se devido à sua condição precária em termos de pobreza, ou melhor, falta de capitais econômicos, culturais e simbólicos – segundo a terminologia de Pierre Bourdieu (CONNELL, 2005 *apud* GRUNNAGEL; WIESER, 2015, p. 343).

“Um ‘homem de verdade’ deve arranjar um emprego – o que, em certos contextos, não é nada fácil”, essa citação de Barker (2008, p.36) pode ser compreendida como um mandato de masculinidade presente na socialização dos homens, para o autor, a construção da identidade masculina demanda que os rapazes se apresentem diante das situações como alguém capaz de se defender, que tomem a atitude firme e correta, que ele seja capaz de cuidar de si próprio. Vale considerar que, dentre os sentidos da última sentença, o “cuidar de si” possui a conotação

⁶ CONNELL, R. W. **Masculinities**. 2ed. Los Angeles: University of California Press, 2005.

de “ser autônomo e, desta forma, resolver seus problemas por seus próprios meios”, em outras palavras, ser um homem jovem implica em desde cedo “ser homem autônomo e provedor”. Sendo assim, com os novos arranjos decorrentes da modernidade, persiste “a ideia do homem que comanda, que tem autoridade sobre a vida familiar, parece se manter, ainda que venha com a perspectiva modernizada de que é possível compartilhar as responsabilidades financeiras (ARILHA, 1998, p. 63). De acordo com Barker (2008, p. 35) as determinações sociais que incidem sobre os rapazes implicam em “conquistar algum grau de independência financeira, arranjar um emprego ou algum rendimento, e, subsequentemente, formar uma família”.

Ramos Padilla e Ramírez (2018), ao abordarem a aprendizagem da sexualidade masculina hegemônica, apontam que a sexualidade assume a partir da adolescência uma centralidade na vida dos homens jovens, ainda que esse tema seja extremamente relevante para os homens jovens, o aprendizado da sexualidade, por repetição, está interligado no acesso às revistas pornográficas compradas por amigos adultos, já que essa temática raramente é abordada pelos pais, os homens mais velhos participam da educação sexual dos homens mais jovens, reforçando o que eles acreditam ser uma característica natural de ser homem: ter mais de uma parceira ao mesmo tempo e desvalorizar e desqualificar as mulheres.

A incorporação de normas ao comportamento dos homens jovens implica em “demonstrar aos seus pares que eles são sexualmente ativos, ou ostentando conquistas sexuais, com atos de exibicionismo sobre sua potência sexual, ou através de ações de agressão sexual contra mulheres em seu ambiente” (RAMOS PADILLA; RAMÍREZ, 2018, p.49).

Os estudos em torno da temática da sexualidade fomentaram a introdução de outras problemáticas para além da saúde reprodutiva masculina, temas como a “necessidade de conquista”, “a ereção, a penetração e as proezas sexuais, tomadas como símbolos de autoafirmação e virilidade, passam a ser objeto de problematização” (SCHRAIBER; GOMES; COUTO, 2005, p.12).

O Cuidado e suas fronteiras com as Masculinidades

Michel Foucault toma as práticas coercitivas e os jogos teóricos ou científicos como ponto de partida para analisar as práticas de si, que nas palavras do autor é “um fenômeno bastante importante em nossas sociedades desde a era greco-romana” (FOUCAULT, 2004, p. 265). A autonomia dos gregos e dos romanos foi comprometida diante do saber médico e psiquiátrico, como ainda, por instituições religiosas e pedagógicas, emergindo uma prática

ascética, que para Foucault (2004, p. 265) se enraíza no “exercício de si sobre si mesmo através do qual se procura se elaborar, se transformar e atingir um certo modo de ser”. Para Foucault (2004, p. 268), as civilizações greco-romanas, sobretudo, os gregos consideram que:

para se conduzir bem, para praticar adequadamente a liberdade era necessário se ocupar de si mesmo, cuidar de si, ao mesmo tempo para se conhecer [...] e para se formar, superar-se a si mesmo, para dominar em si os apetites que poderiam arrebatá-lo (FOUCAULT, 2004, p. 265).

Ocupar-se de si foi, a partir de um certo momento, denunciado de boa vontade como uma forma de amor a si mesmo, uma forma de egoísmo ou de interesse individual em contradição com o interesse que é necessário ter em relação aos outros ou com o necessário sacrifício de si mesmo (FOUCAULT, 2004, p. 268).

Foucault (2004, p. 269), busca na corrente platônica e a estoica para compreender o cuidado de si, de acordo com os construtos de Platão, o sujeito deveria investir no reconhecimento das “verdades com as quais tem afinidade”, enquanto que na corrente estoica, o sujeito a partir do aprendizado das verdades deveria orientar seus princípios fundamentais sobre o aprendizado das doutrinas que estariam a serviço das regras de conduta. A partir dessas premissas, Foucault (2004, p. 269) afirma “trata-se de fazer com que esses princípios digam em cada situação e de qualquer forma espontaneamente como vocês devem se conduzir”.

A liberdade e a iberdade eram problematizadas dentre os gregos que tomavam o *ethos* como objeto de análise, tornando assim possível conhecer a maneira de ser e a maneira de se conduzir frente ao outro e a si mesmo, como sinaliza Foucault (2004, p. 270), “o *ethos* de alguém se traduz pelos seus hábitos, por seu porte, por sua maneira de caminhar, pela calma com que responde a todos os acontecimentos etc.”. Nessa perspectiva, o trabalho de si sobre *si mesmo* se torna necessário para ser considerado um bom homem, digno de honra e respeito. À medida que os homens abdicam do cuidado de si em nome da honra e da manutenção de seus privilégios, o processo de construção de suas identidades masculinas impõe aos homens oneroso preço, como destaca Kaufman (1997):

a aquisição da masculinidade hegemônica (e a maioria das subordinadas) é um processo através do qual os homens chegam a suprimir as emoções, necessidades e possibilidades, como o prazer de cuidar dos outros, receptividade, empatia e compaixão, experimentado como inconsistente com o poder masculino (KAUFMAN, 1997, p. 70).

A partir da princípio que os homens adotam a negação de suas dores e vulnerabilidades, eles não recorrem as práticas de cuidado à saúde em razão dos prescritivos culturais presentes em seus processos de socialização de gênero. Recorremos aos construtos de Godin (2019) para compreender a resistência e o distanciamento dos homens das práticas de cuidado, portanto, na

perspectiva do autor, são “os motivos sociais, mais do que aqueles relacionados à saúde, que ditam o comportamento das pessoas” (GODIN, 2019, p.19). Para o autor, os comportamentos relacionados à saúde necessitam ser compreendidos por uma visão mais ampla, incluindo as dimensões: social e cultural, nessa perspectiva, os comportamentos não ficariam restritos aos limites do campo sanitário, segundo esse autor, “não há comportamentos de saúde, mas sim comportamentos sociais relacionados por provas científicas à saúde” (GODIN, 2019, p. 18). Ainda de acordo com o autor:

No caso de um comportamento relacionado à saúde, deve-se deixar claro que **não são os motivos pessoais de adoção a ele subjacentes que o ligam à saúde, mas sim suas repercussões**. [...] Os comportamentos relacionados à saúde são antes de mais nada **comportamentos sociais como tantos outros** (...). Um comportamento relacionado à saúde é uma ação feita por um indivíduo e que exerce uma influência positiva ou negativa sobre a saúde. Isso implica que, independentemente, dos motivos pessoais que lhes sejam subjacentes, todas as ações a seguir são exemplos de comportamentos relacionados à saúde: dirigir sob o efeito de álcool, correr, escovar os dentes, usar preservativos nas relações sexuais de risco, fumar cigarro etc. (GODIN, 2019, p.17-18, grifo nosso).

Conquanto, Foucault (2004), afirma que o cuidado de si precede um compromisso ético que estende a outrem:

O cuidado de si é ético em si mesmo; porém implica relações complexas com os outros, uma vez que esse **ethos da liberdade é também uma maneira de cuidar dos outros**; por isso é importante, para um homem livre que se **conduz adequadamente**, saber governar sua mulher seus filhos, sua casa (FOUCAULT, 2004, p. 270-271, grifo nosso).

Não se deve fazer passar, o cuidado dos outros na frente do cuidado de si; o cuidado de si vem eticamente em primeiro lugar, na proporção em que a relação consigo mesmo é ontologicamente primária (FOUCAULT, 2004, p. 271). Já, Ramos (2016), alerta que o cuidado de si na atualidade:

se distancia cada vez mais de uma ética de cuidado com o outro e é expressa, de modo bastante recorrente, por meio de métodos de conhecimento de si, auto exercício e aprimoramento do eu cuja busca incessante pelo sucesso financeiro e pessoal, por exemplo, deixa de lado qualquer possibilidade de um cuidado de si pautado em ações éticas ou de liberdade que envolvam, ao mesmo tempo, o cuidado com o outro (RAMOS, 2016, p. 242).

A Educação em Saúde pode ser vista como uma estratégia de abordagem dos problemas que atravessam a cultura do cuidado à saúde entre os homens jovens, ao passo que permite a discussão de temas referentes à saúde na juventude, o engajamento dos jovens e a construção compartilhada de conhecimentos podem contribuir com a superação dos entraves do processo

saúde-doença-cuidado dos homens jovens. As ações a que nos referimos, se alinham com os apontamentos de Moura (2012), que contemplam a:

necessidade de planejamento e desenvolvimento de estratégias de educação em saúde, voltadas para os homens, além de reforçar a necessidade de sensibilização dos mesmos para o entendimento da sua própria fragilidade e responsabilidade com sua saúde (MOURA, 2012, p. 89).

Nos espaços de Educação em Saúde, podem ser desenvolvidas discussões em torno do corpo masculino, na perspectiva de Arilha (1998) alguns apontamentos corroboram para esse direcionamento:

necessidade premente de desmitificar entre os homens e as mulheres a concepção de que o corpo masculino é simples, mecânico, e que por isso não necessita ser conhecido ou estudado. Também é relevante reverter a lógica de que se deve conhecer o funcionamento corporal apenas para poder realizar conquistas amorosas. **Deve-se conhecer para poder cuidar, tratar, e viver com mais qualidade e dignidade** (ARILHA, 1998, p. 74, grifo nosso).

Em relação aos cuidados voltados aos jovens, no Relatório da Conferência Internacional Sobre População e Desenvolvimento, realizada em 1994 no Cairo, sinaliza dentre outras recomendações que:

O jovem deve ser ativamente envolvido no planejamento, na implementação e avaliação de atividades de desenvolvimento que afetem diretamente sua vida diária. Isso é especialmente importante com relação **atividades e serviços de informação, educação e comunicação concernentes à saúde reprodutiva e sexual, inclusive prevenção da gravidez prematura, educação sexual e prevenção do HIV/AIDS e de outras doenças sexualmente transmissíveis**. O acesso a esses serviços deve ser assegurado, bem como sua confidencialidade e privacidade, com o apoio e orientação dos pais e de conformidade com a Convenção sobre os Direitos da Criança. Além disso, **há necessidade de programas de educação que favoreçam habilidades de planejamento de vida, sistemas de vida saudável e efetivo desestímulo de abuso de drogas.**” (UNFPA, 2007, 59, grifo nosso).

As representações do que é “ser homem”, tendem a não contemplar a imagem de um homem afeito ao cuidado, que se cuida, que pode cuidar de alguém, que sofre, que adocece e que reconhece e admite publicamente ser vulnerável. Os estereótipos valorizados pelos homens jovens contemplam a imagem de um homem viril, dotado de um corpo forte, autônomo que é capaz de consumir, controlar, dominar e prover. Diante dessas determinações os homens, incluindo os jovens, acabam por esconder seus fracassos e dores. Na perspectiva antropológica, segundo Heilborn (1997), a definição do que é ser homem ou mulher passa por uma elaboração cultural que define essas posições na sociedade, que se distingue da dimensão anátomo-fisiológica caracterizada pelo sexo. Ou seja, na espécie humana, há machos e fêmeas, mas a qualidade de ser homem e ser mulher é realizada pela cultura. Lauretis (1994), afirma que o masculino e o feminino podem ser compreendidos como categorias hierarquicamente complementares, com variações nas diferentes culturas e fortemente conectado a fatores

políticos e econômicos locais. Na prerrogativa de legitimarem seus lugares, os homens podem colocar suas vidas em risco e de outrem, a incorporação do risco e da violência, valores tidos como masculinos, estão presentes na “caixa da masculinidade” e são diametralmente opostos ao cuidado de si, como aponta Heilman, Barker e Harrison (2017):

Os jovens que seguem as regras da caixa têm maior probabilidade de arriscar sua saúde e bem-estar, afastar-se de amigos íntimos, resistir em buscar ajuda quando precisam, sofrer de depressão e muitas vezes pensam em acabar com a vida. Eles também são mais propensos a usar violência contra outras pessoas - verbalmente, virtualmente e fisicamente - e a assediar sexualmente as mulheres. O mesmo se revela quando se trata de vivenciar a violência em primeira mão, engajar-se em comportamentos de risco, como embriagar-se e ter de duas a três vezes mais risco de acidentes de trânsito. Ao mesmo tempo, são menos propensos a formar relacionamentos íntimos e amizados (HEILMAN; BARKER; HARRISON, 2017, p. 10, tradução nossa⁷).

Reconhecer-se como homem vulnerável, que precisa de cuidados, pode “arranhar” a imagem-objeto tão perseguida e valorizada pelos homens. O processo de construção da identidade masculina, em alguns casos, é fortemente, orientada pela herança de gênero e pelos estereótipos e representações sobre a imagem masculina, nessa direção, muitos meninos e jovens imbuídos da necessidade de terem sua masculinidade validada através dos olhares externos tomam como referência os valores e comportamentos presentes em suas culturas e com isso se distanciam das dinâmicas de cuidado.

Reflexões finais

No decorrer do processo de socialização dos homens um conjunto de normas inscritas na cultura são comunicadas com o intuito de “formar homens de verdade”. As determinações, ainda que, consideremos a liberdade de escolha como uma dimensão relevante da construção cultural das identidades sociais, essas incorrem num “processo através do qual os homens chegam a suprimir as emoções, necessidades e se distanciam das dinâmicas de cuidado (KAUFMAN, 1997). Essas normas, geralmente, não contemplam o “cuidar de si e a valorização

⁷ No original: “*Los jóvenes que se ajustan a las reglas de la caja tienen mayores probabilidades de arriesgar su salud y bienestar, apartarse de sus amistades cercanas, resistirse a buscar ayuda cuando la necesitan, sufrir de depresión y pensar con frecuencia en poner fin a sus vidas. También tienen mayores probabilidades de usar la violencia contra otros —verbal, virtual y físicamente— y de acosar sexualmente a las mujeres. Lo mismo se revela en lo que respecta a sufrir violencia en carne propia, practicar comportamientos riesgosos como emborracharse y tener entre dos y tres veces más accidentes de tráfico. Al mismo tiempo es menos probable que entablen relaciones y amistades estrechas*”.

do corpo no sentido da saúde, também no que se refere ao cuidar dos outros (SCHRAIBER; GOMES; COUTO, 2005, p.8).

As dinâmicas de cuidado no olhar de Serpa (2010, p.16) abarcam a “representação social sobre a mulher continua sendo focada no espaço familiar, cabendo a ela o cuidado afetivo aos membros da família à qual pertence”. Barker (2008, p.43) considera que o estudo das identidades dos homens jovens requer o reconhecimento da “natureza conjuntural de nossas próprias identidades e refletir sobre como projetamos aquilo que somos”. Os homens postergam a responsabilidade dos cuidados à saúde a uma figura feminina (RANGEL; CASTRO; MORAES, 2017). Recaindo sobre às mulheres ainda, “necessidades diversas e absolutamente indispensáveis para a estabilidade física e emocional dos membros do lar” (CARRASCO, 2003, p.17).

O exercício da juventude, assim como, o da masculinidade são experimentados a partir da ruptura de limites vigentes, são demandadas provas em que a percepção do risco e o cuidado de si fiquem em segundo plano. As figuras masculinas são, tradicionalmente, descritas nas narrativas a partir de suas lutas e vitórias, perpassando ainda pela “vida real” os homens que tendem a narrar seus feitos a partir desse lugar, subjugando suas dores e fraquezas a um lugar de apagamento, esses os homens jovens também adotam a negação das práticas de cuidado por meio da adoção de máscaras que dificultam a identificação de suas dores.

Cuidar de alguém, praticar o autocuidado e ser cuidado por outrem, são ações atravessadas por trocas simbólicas que são constituídas em várias ordens, dentre eles: os ritos de instituição que se traduzem em prescrições de virilidade, portanto, tem por função do caráter normativo e estão estruturados na negação ao feminino. Compreendemos que, a cultura do cuidado é marcada por assimetrias e hierarquias, à medida que os cuidados são terceirizados e postergados às mulheres, nesse ínterim, os homens agem no intuito de negar a relação entre a feminilidade, vulnerabilidade e cuidado, esses elementos corroboram com a crise do cuidado que atualmente atravessamos.

Referências

Abramo, H. W. (2016). Identidades juvenis: estudo, trabalho e conjugalidade em trajetórias reversíveis. In Agenda Juventude Brasil. Leituras sobre uma Década de Mudanças. Rio de Janeiro: UNIRIO.

Arilha, M. (1998). Homens: entre a “zoeira” e a “responsabilidade”. In Homens e masculinidades: outras palavras (pp. 21-77). São Paulo: ECOS/Ed.

- Badinter, E. (1993). *XY: sobre a identidade masculina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Barker, G. T. (2008). *Homens na linha de fogo: juventude, masculinidade e exclusão social*. Rio de Janeiro: 7Letras.
- Bock, A. M. B. (2004). A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão. *Cadernos CEDES*, 24(62), 26-43. <https://doi.org/10.1590/S0101-32622004000100003>
- Bourdieu, P. (2003). A “juventude” é só uma palavra. In *Questões de Sociologia* (pp. 151-162). Lisboa: Fim de Século Edições, Sociedade Unipessoas.
- Camargo, B. V., Campos, P. H. F., Torres, T. L., Stuhler, G. D., & Matão, M. E. L. (2011). Representações sociais de saúde e cuidado: um estudo multicêntrico sobre vulnerabilidade masculina. *Temas em Psicologia*, 19(1), 179-192.
- Carrasco, C. (2003). *A sustentabilidade da vida humana: um assunto de mulheres? A Produção do Viver*. São Paulo: Sempreviva Organização Feminista–SOF.
- Castro, M. G., & Abramovay, M. (2013). Por um novo paradigma do fazer políticas – políticas de/para/com juventudes. *Revista Brasileira De Estudos De População*, 19(2), 19-46. Recuperado de <https://www.rebep.org.br/revista/article/view/311>
- Connell, R. W. (2005). *Masculinities*. 2ed. Los Angeles: University of California Press.
- Dayrell, J. (2003). O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*, (24), 40-52. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782003000300004>.
- Feixa, C. (1999) *De jóvenes, bandas y tribus: antropología de la juventud*. Barcelona: Ariel.
- Foucault, M. (2004). *Ditos & Escritos V - Ética, Sexualidade, Política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Godin, G. (2019). Introdução. In *Os comportamentos na área da saúde: compreender para melhor intervir* (pp. 17-22). Campinas, SP: Editora da Unicamp, p. 17-22.
- Gonçalves, M. A. R., Catharino, T. R. (2008). Políticas Públicas e juventudes: repensando riscos e proteções. In *Adolescências e juventudes: entre o espaço público e as políticas de cuidados* (pp. 19-36). Rio de Janeiro: Quartet.
- Grosso, L. A. (2000). *Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas*. Rio de Janeiro: DIFEL.
- Grünnagel, C. & Wieser, D. (2015). "Nós somos machistas": entrevistas com escritores/as brasileiros/as. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, (45), 343-350. <https://dx.doi.org/10.1590/2316-40184524>
- Heilborn, M. L. (1997). Gênero, Sexualidade e Saúde. In *Saúde, Sexualidade e Reprodução - compartilhando responsabilidades* (pp. 101-110). Rio de Janeiro: EdUERJ.
- Heilman, B., Barker, G., & Harrison, A. (2017). *A. La caja de la masculinidad: un estudio sobre lo que significa ser hombre joven en Estados Unidos, el Reino Unido y México*. Washington DC y Londres: Promundo-US y Unilever.
- Kaufman M. (1997) *Las experiencias contradictorias del poder entre los hombres*. In *Masculinidad/es* (pp. 63-81). Santiago de Chile: Isis Internacional/FLACSO-Chile.

- Lauretis, T. de. (1994). A tecnologia do gênero. In *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da modernidade* (pp. 206-242). Rio de Janeiro: Rocco.
- Moura, E. C. (2012). Perfil da situação de saúde do homem no Brasil [Relatório nº 1]. Rio de Janeiro: Fiocruz.
- Muggah, R., Pellegrino, A. P. (2020). Prevenção da violência juvenil no Brasil: uma análise do que funciona. Brasília: Instituto Igarapé e Fundo de População das Nações Unidas.
- Nolasco, S. A. (1993). O mito da masculinidade. Rio de Janeiro: Rocco.
- Nolasco, S. A. (2001). O Apagão da Masculinidade. *Revista do IETS*, 1(1), 15-31. Recuperado em 03 de novembro de 2020, de <http://www.mpce.mp.br/wp-content/uploads/2018/03/O-Apagao-da-Masculinidade-S%C3%B3crates-Nolasco.pdf>. Acesso em 14 jan. 2020.
- Pinheiro, N. (2010). Corpos midiáticos e a representação da masculinidade. Paper presented at the Seminário Internacional Fazendo Gênero 9. Florianópolis, SC, BRAZIL.
- Ramos E. D. (2016). Cuidado de si, práticas de si contemporâneas e discursos de autoajuda: uma leitura foucaultiana. *Sapere aude*. 12(7), 240-255.
- Ramos Padilla, M. A., Ramírez, N. P. (2018). Detrás de la máscara. Varones y violencia sexual en la vida cotidiana. Lima: Universidad Peruana Cayetano Heredia.
- Rangel, E. M. R., Castro, G. S. M. M. C., & Moraes, L. P. (2017). “Porque eu sou é home!”: análise dos impactos da construção social da masculinidade no cuidado com a saúde. *Interfaces Científicas - Humanas E Sociais*, 6(2), 243-252. <https://doi.org/10.17564/2316-3801.2017v6n2p243-252>.
- Schraiber, L. B., Gomes, R., & Couto, M. T. (2005). Homens e saúde na pauta da Saúde Coletiva. *Ciência & Saúde Coletiva*, 10(1), 7-17. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232005000100002>
- Scott, R. P., Athias, R. M., & Longui, M. R. (2005). Como nossos pais? Homens e gerações em três contextos diferentes em Pernambuco. In: *Jovens, Trajetórias, Masculinidades e Direitos* (pp. 121-145). São Paulo: Fapesp: Editora da Universidade de São Paulo.
- Segato, R. (2018). *Contra-pedagogías de la crueldad*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Prometeo Libros.
- Serpa, M. (2010). Perspectivas sobre papéis de gênero masculino e feminino: um relato de experiência com mães de meninas vitimizadas. *Psicologia & Sociedade*, (22), 14-22. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822010000100003>
- Taylor, A.Y., Moura, T., Scabio, J. L., Borde, E., Afonso, J.S., & Barker, G. (2016). Isso aqui não é vida para você: Masculinidades e não violência no Rio de Janeiro, Brasil. Resultados do estudo internacional sobre homens e igualdade de gênero (IMAGES) com foco na violência urbana. Washington, DC e Rio de Janeiro: PROMUNDO.
- UNFPA. (2007). Relatório da Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento – CIPD 94. Cairo, 5-13 de setembro 1994. Brasília: Fundo de População das Nações Unidas. Recuperado em 03 de novembro de 2020, de <http://www.unfpa.org.br/Arquivos/relatorio-cairo.pdf>.